

NEUTRALIZAÇÃO E CRASE: ESTUDO DE PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS ARCAICO

Gisela Sequini Favaro

Universidade Estadual Paulista-Araraquara

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal analisar processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal através das formas do pretérito perfeito do modo indicativo, ou seja, processos que alteram a forma dos morfemas e geram alomorfias em vários níveis no Português Arcaico (PA) dos séculos XII-XIII, a partir de teorias não lineares (cf. Fonologia Lexical, Fonologia métrica e Geometria de Traços). Para a realização desta pesquisa foram consideradas como objeto as formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo; dos verbos regulares.

PALAVRAS-CHAVES: *Cantigas de Santa Maria*, Processos Morfofonológicos, Pretérito Perfeito.

ABSTRACT: *This study aims to analyse morphophonological processes triggered by verbal inflection in the forms of the indicative past tense, that is, processes that alter the shape of morphemes and generate allomorphs at various levels in the XII-XIII centuries Archaic Portuguese (AP) were investigated by Lexical Phonology (LP) and Autosegmental and Metrical Phonology.*

KEYWORDS: *Cantigas de Santa Maria; Morphophonological Processes; Indicative Past Tense*

Introdução

O objetivo principal deste artigo é o estudo de processos morfofonológicos¹ desencadeados pela flexão verbal das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo do Português Arcaico (doravante PA), no período conhecido

¹ Baseando-nos nos estudos de Lee (1992,1995), podemos definir morfofonologia como a interface entre a fonologia e a morfologia.

por trovadoresco (fins do século XII até meados dos século XIV) - referente à primeira fase do período arcaico.

A relevância desta pesquisa reside, principalmente, na descrição dos processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal que não são tão estudados no que se refere à constituição verbal da época medieval. Além disso, a abordagem comparativa, do ponto de vista da Linguística contemporânea, não é comum nos estudos sobre estes processos; assim, estudando a formação dos processos verbais da língua portuguesa e

comparando-os com os do português arcaico e do português atual, poderemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição dos processos morfofonológicos desencadeados pelas flexões verbais nesses dois períodos.

A escolha do tempo pretérito perfeito do Indicativo se justifica por duas razões: em primeiro lugar, pela sua produtividade no *corpus* das *Cantigas de Santa Maria* (doravante CSM) e em segundo lugar, por apresentar características peculiares, quando comparado aos demais tempos-modos do português, tanto no período arcaico como no período atual. Dentre essas “peculiaridades”, pode ser citado o fato de as formas de perfeito preservarem a vogal temática diante de desinências modo-temporais ou número pessoais iniciadas por vogal (ao contrário dos demais tempos, como os presentes do Indicativo e do Subjuntivo, em que a vogal temática é apagada, nessas condições (cf. Laroca, 2005).

Neste artigo abordaremos o processo de neutralização morfofonológica e da crase da vogal temática que ocorre nas formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo, mapeadas nas CSM.

1 *Corpus*

Para a constituição do *corpus* do presente trabalho, escolheu-se analisar textos poéticos remanescentes do galego-português medieval. Tais textos apresentam uma grande importância pelo fato de que, quando estudamos um período passado da língua que não possui registros orais gravados na época, é na observação e na análise desse material que se podem levantar questões sobre certos aspectos da realização fonética da língua daquele período.

O *corpus* é constituído das 420 *Cantigas de Santa Maria* (de agora em diante, CSM) de Afonso X, a partir de edições interpretativas e fac-similadas disponíveis ao Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasi-*

leiro.² Estão disponíveis também microfimes de todos os quatro manuscritos em que sobreviveram as cantigas religiosas, fornecidos à orientadora deste trabalho pelas Bibliotecas depositárias dos originais.

De acordo com Bertolucci Pizzorusso (2002, p.142), as CSM são uma obra para ser vista e ouvida, na qual “uma milagristica por imagens junta-se à milagristica em versos”. Na visão de Mettmann (1986a, p.8), justamente por apresentarem um perfeito equilíbrio entre texto, melodias e miniaturas, ocupam um lugar importante na literatura medieval galego-portuguesa.

Chamando atenção para o contexto em que esta antologia foi criada, Leão (2002, p.1) nos mostra a riqueza dos trabalhos elaborados por Afonso X:

No mesmo *scriptorium* também se compilavam leis, ou se registravam em códigos várias normas consuetudinárias; escreviam-se tratados de várias ciências; registrava-se a história da Espanha, bem como uma história geral da humanidade; traduziam-se obras do hebraico, do árabe ou do grego por via do árabe; compunham-se obras sobre jogos e lazeres, como o xadrez e os dados; produziam-se poemas profanos e sacros, cujos textos eram copiados, musicados e miniaturados em belíssimos manuscritos.

Filgueira Valverde (1985, p.49) ressalta que diversos milagres marianos foram recolhidos de igrejas e santuários europeus, sobretudo franceses e ibéricos, e são de fonte confirmada e bem conhecida, mas muitos relatos ainda hoje são desconhecidos e provavelmente apenas orais.

De acordo com Mettmann (1986b, p.12), podemos dividir as cantigas de milagres em três grupos, segundo a procedência e o cenário das histórias narradas. No primeiro grupo encontramos os milagres da Virgem, divulgados pelo ocidente cristão; alguns reúnem milagres localizados em determinados santuários, sobretudo franceses. No segundo grupo estão as cantigas que tratam dos santuários da própria península. E, por fim, no terceiro grupo, as cantigas que relatam acontecimentos milagrosos sucedidos ao próprio Rei, a membros de sua família ou às pessoas próximas a ele; há ainda algumas cantigas que são de caráter biográfico.

2 O desenvolvimento desta pesquisa está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, liderado pela orientadora do presente trabalho, cujo objetivo principal é a descrição de aspectos fonológicos da Língua Portuguesa no período arcaico, em especial o trovadoresco.

2 Metodologia

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo nas *Cantigas de Santa Maria*. Contamos também com glossários, vocabulários, dicionários, e especialmente o glossário de Mettmann (1972), como auxílio na categorização das formas verbais. Depois de coletados, os dados são separados de acordo com o tipo de processo morfofonológico verificado.

Abaixo, como ilustração, apresentam-se exemplos dos procedimentos de mapeamento dos dados utilizados nesta pesquisa. Os verbos no pretérito perfeito estão realçados em negrito:

(1) Fragmento da cantiga de número um (CSM 1)³.

[...]

E non ar quero obridar
 com' angeos cantada
 loor a Deus **foron** cantar
 e “paz en terra dada”;
 nen como a contrada
 aos tres Reis en Ultramar
ouv' a strela mostrada,
 por que sen demorada
vëeron sa offerta dar
 estranna e preçada.

[...]

(2) Fragmento da cantiga de número um (CSM 5)⁴.

Esta dona, de que vos **disse** ja, **foi** dun Emperador
 moller; mas pero del nome non sei, **foi** de Roma sennor
 e, per quant' eu de seu feit' **aprendi**, **foi** de mui gran valor.
 Mas a dona tant' era fremosa, que **foi** das belas flor
 e servidor de Deus e de sa ley amador,
 e **soube** Santa Maria mays d'al ben querer.

3 Aqui, apresentamos os versos de 37 a 46, de um total de 77 versos da cantiga.

4 Aqui, apresentamos os versos de 12 a 17, de um total de 186 versos da cantiga.

Depois de mapeadas as formas em todas as cantigas do *corpus*, de acordo com os procedimentos descritos acima, foram montados quadros, nos quais as formas verbais encontradas são classificadas por conjugação e número-pessoa, e tabelas, dando conta de todas as ocorrências.

3 Análise dos Resultados

Nas CSM foram mapeadas 295 formas verbais no pretérito perfeito do modo indicativo que sofrem o processo morfofonológico de neutralização e crase da vogal temática.

De acordo com Trask (2004, p.205), o conceito de neutralização foi introduzido e desenvolvido na década de 1930 pelo linguista Trubetzkoy. A existência da neutralização é uma indicação de que a fonologia tem a ver com o comportamento dos sons e com seu enquadramento num padrão, e não com seu valor fonético absoluto.

Crystal (2000, p.137) define neutralização como um termo usado na fonologia para descrever o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado contexto.

Já Dubois (1978, p.431) afirma que há tipos diferentes de neutralizações, conforme as condições nas quais elas se realizam. A neutralização assimilativa é uma neutralização determinada pela assimilação a um fonema contextual ou condicionada pelo contexto. Já a neutralização condicionada pela estrutura é a que se produz independentemente dos fonemas vizinhos e em posições determinadas da palavra. Outro tipo de neutralização que ocorre é a neutralização dissimilativa, isto é, quando dois fonemas em oposição se dissimilam com relação ao traço distintivo de um fonema contextual.

No caso das CSM, de todos os tipos acima expostos, o que mais se assemelha na análise dos dados mapeados é o primeiro, a neutralização assimilativa, pois, como poderá ser observado na análise do processo de neutralização, temos uma assimilação dos traços da vogal temática com os traços da vogal do sufixo número-pessoal, devido à ausência do sufixo modo-temporal. Portanto, nesse caso, há um processo de neutralização condicionado pelo contexto.

Para exemplificar o processo morfofonológico de neutralização e crase da vogal temática nas 2ª e 3ª conjugações na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do modo indicativo, tomamos como base os verbos *aprender* (2ª conjugação) e *cobrir* (3ª conjugação).

O verbo *aprender* sofre uma alternância de sua vogal temática de *-e-* para *-i-*, quando conjugado na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do

modo indicativo. Com a ausência de sufixo modo-temporal, temos a junção, ou seja, a crase da vogal temática com o sufixo número-pessoal.

Ressaltamos que essa “ausência” de sufixo modo-temporal, de acordo com Kehdi (2003), são os chamados morfemas zeros (representados por \emptyset), dotados de significado, pois, quando houver ausência de um traço formal significativo num determinado ponto da série, podemos designar como morfema \emptyset essa ausência:

- (3) **Verbo: *Aprender*--- Eu aprendi (PA e PB)**
***Cobrir*---Eu cobri (PA e PB)**

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

Aprend-	(e) -i-	- \emptyset-	-i-
Cobr-	-i-	- \emptyset-	-i-

Formulando a regra para esse processo com o verbo *aprender*, temos:

(4)

$$\left(\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{baixa} \end{array} \right) \quad \left(\begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alta} \end{array} \right) / \left(\begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alta} \end{array} \right)$$

Dependendo a regra para esse processo com o verbo *cobrir*, temos:

(5)

$$\left(\begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alta} \end{array} \right) \quad \left(\begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alta} \end{array} \right) / \left(\begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alta} \end{array} \right)$$

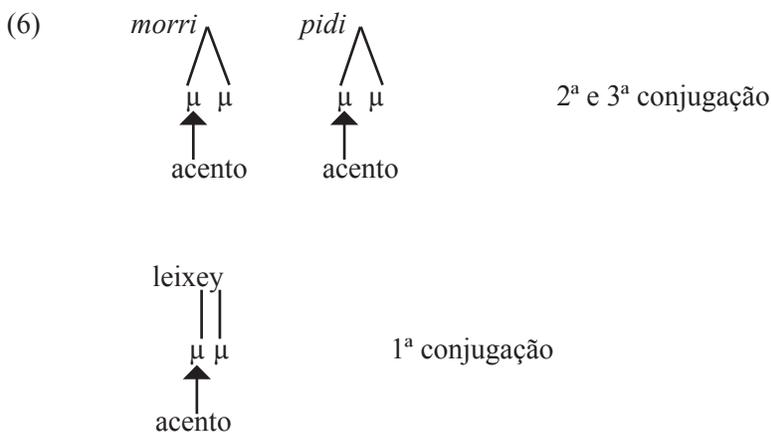
Câmara Jr. (1976[1970], p. 143), na perspectiva estruturalista, explica o fenômeno acima dizendo que, na 3ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito, o tema em *-a* troca essa vogal para *-o* e para *-e* respectivamente, por causa da passagem dos ditongos /au/ e /ai/, de *amaut*, por *amaui*, e de *amai*, por *amaui*, com a perda da marca do *perfectum* (/au e /ai/) para /ou/ e /ei/ respectivamente. Entretanto, a distinção dos verbos de tema em *-e* e em *-i* continua como se vê em *temeu* e *partiu*, em face de *amou*, e em *temi*, *parti*, em face de *amei*.⁵

5 Câmara Jr. (1976 [1970], p. 143) afirma que em *amei* a desinência pessoal é *-i /i/*; ela não aparece em *temi*, *parti*, porque não há ditongo fonológico /ii/ em português.

Porém, essa hipótese pode ser representada de outra maneira, se levarmos em consideração as análises propostas pelos modelos das fonologias não-lineares (sobretudo a Fonologia Métrica).

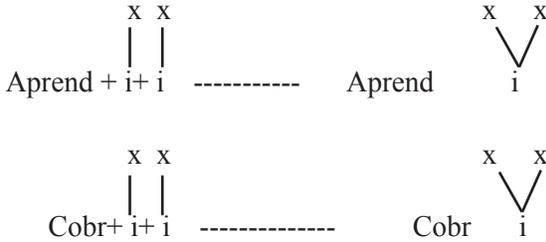
Temos que as formas da 2ª e da 3ª conjugação, no pretérito perfeito do modo indicativo, sofrem o processo de crase (fusão) da vogal temática na primeira pessoa do singular com o morfema de número-pessoa (NP), por serem da mesma natureza ([+alta]). Esse fenômeno cria uma forma com sílaba aberta final acentuada, que foge ao padrão da acentuação nas demais formas verbais. Massini-Cagliari (2005a, p.192) afirma que a única diferença entre a primeira pessoa do singular na primeira conjugação em relação à segunda e à terceira conjugações é o fato de a vogal temática, nessas duas conjugações, ser igual à vogal de NP. Neste caso, segundo a autora, o acento recai na sílaba que contém a segunda mora da direita para a esquerda.

Fazendo a análise dos dados do *corpus*

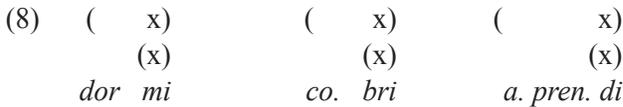


Vale ressaltar que, no padrão acentual do português arcaico, o acento tônico podia recair na última sílaba (ex: *perdi*) e na penúltima sílaba (ex: *perde*) e muito raramente na antepenúltima. Massini-Cagliari (1999, p.169-181) afirma também que o PA é sensível à quantidade de sílaba na construção dos pés. Isto quer dizer que qualquer sílaba longa ou pesada posicionada na última posição de sílaba da palavra atrai o acento principal.

Entretanto, esta aparente irregularidade pode ser explicada pelo fato de que restam dois tempos no *tier* prosódico unidos a uma mesma vogal, com a fusão. Por esta razão, a sílaba resultante é pesada, atraindo o acento.

(7) Verbo *Aprender e cobrir* (PA e PB)

Representando esse processo através da grade métrica, visualizamos a atribuição do acento, pois na flexão verbal a maioria dos acentos recai sobre a vogal presente no radical do verbo:



Através das análises, pode-se concluir que tanto a conjugação do PA quanto a do PB mantêm na forma subjacente a duração da vogal, tratando-se da conjugação verbal do pretérito perfeito do modo indicativo, na terceira pessoa do singular nas 2ª e 3ª conjugações, respectivamente. Com isso, a hipótese levantada por Câmara Jr. (1976 [1970]) de que não há ditongo fonológico /ii/ (o autor considera a forma de base) pode ser discutida, levando-se em consideração que de fato não é um ditongo, mas sim uma vogal pesada que atrai o acento, mostrando, segundo Massini-Cagliari (1999), que a conservação do peso silábico na localização do acento em PA deve ser levada em questão⁶.

Conclusão

O processo de neutralização com crase foi bastante produtiva, somando um total de 295 formas que sofrem esse tipo de processo, sendo que, desse

6 De acordo com os pressupostos da Fonologia Lexical, o processo de fusão pode ser localizado no Nível β (2) onde ocorrem todas as formas das flexões dos verbos regulares. O processo de fusão, que ocorre na neutralização e crase da vogal temática, é na verdade, um processo de geminação, pois, como podemos observar através dos exemplos descritos acima, as duas moras são mantidas.

total, 188 (70,9%) verbos pertencem à segunda conjugação e 107 (36,3%), à terceira conjugação.

Através das análises, podemos concluir que tanto a conjugação do PA quanto a do PB mantêm na forma subjacente a duração da vogal, tratando-se da conjugação verbal do pretérito perfeito do modo indicativo, na terceira pessoa do singular nas 2ª e 3ª conjugações, respectivamente. Para atestar a veracidade dessa hipótese, levamos em consideração a existência de uma vogal pesada que atrai o acento, no caso, o resultado da fusão da vogal temática /i/ com a vogal /i/ de número-pessoa, mostrando que a conservação do peso silábico na localização do acento em PA deve ser levada em questão.

Referências

- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Afonso X. In LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002, p.36-41 e 142-146.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976. 1.ed em 1970.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 35, 82
- DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de SantaMaría: Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.
- KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 2003.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. 4ª ed, Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, UFJF, 2005.
- LEÃO, Â. V. (2002) *Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X*. Ensaios – Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). [<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>] (acesso em 17.01.2005)
- LEE, S. H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Campinas: IEL/UNICAMP, 1995, Tese de Doutorado.
- LEE, S.H. *Fonologia Lexical do Português*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 23, 1992, p.103-120.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Araraquara: UNESP – FCL, 2005a, Tese de Livre Docência.

- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.
- _____. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 101 a 260)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988.
- _____. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.) *Studies on the Cantigas de Santa Maria*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987, p. 355-366.
- _____. Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986b. p. 7-42.
- _____. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986a.
- _____. Glossário. In: ALFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972, v.IV:Glossário.
- TRASK. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.